

LITERATURA E MEMÓRIA

O Dossiê deste número da revista *Teresa* adota por tema a figuração da memória nos diferentes períodos da literatura produzida no Brasil, seu modo de se apropriar e representar o passado na lírica, na prosa de ficção, no registro historiográfico, em documentos de arquivos, crônicas e cartas. O propósito é discutir as soluções das práticas beletristas e literárias para lidar com o intervalo entre imagens, impressões e percepções vividas, figuradas no ato da escrita, e o que teria acontecido. O dossiê objetiva mapear os usos das formas memorialísticas e o modo com que elas articulam a relação entre imaginação, recordação, documento histórico e ficção, vinculando a representação da experiência individual com a da história.

Nas práticas letradas coloniais, o princípio de que Deus é o fundamento primeiro e último determina o sentido religioso do tempo histórico como repetição do passado, no presente e no futuro. Os exemplos vividos por homens ilustres, profetas e heróis modelam a produção de valores no presente e regulam a expectativa do que acontecerá. Na instituição retórica, a distinção entre memória natural e memória artificial determina que o perito na arte de dizer retenha mnemonicamente os argumentos genéricos, partilhados coletivamente, do elenco das autoridades do costume antigo que imita. A arte mnemônica constitui-se como procedimento de invenção, disposição dos argumentos pelas partes do texto, elocução e ação do discurso.

Na modernidade, o conceito de “memória” configura-se como campo privilegiado para a compreensão das múltiplas temporalidades que trespassam o sujeito. A literatura vale-se da dimensão da memória para configurar um modo específico de recuperar o passado e apreender o presente. A forma memorialística é necessariamente mediada pela escritura de um momento que já é passado no ato de sua recuperação. Entre o esquecimento e a lembrança, o individual e o coletivo, a impossibilidade de totalizar perspectivas pretéritas torna-se condição da construção de identidades e da reconstituição de acontecimentos.

A invenção da intimidade e o advento da psicologia propiciam uma profusão de relatos memorialísticos que invadem o campo filosófico e literário, por meio da confissão de um *eu* que se dobra sobre sua vida interior, em biografias ficcionais e em autobiografias com assinatura do próprio autor ou em nome de um autor fictício; em poemas nos quais o eu lírico revê a matéria com que determinou a construção precária de sua identidade, da consciência, em permanente dúvida diante dos rumos da ciência, e do pensamento poético; em crônicas, cartas, diários, testemunhos e em outros modos difusos.

Na literatura modernista, as diversas formas do memorialismo tornam-se estratégia de reflexão sobre a experiência de uma sociedade oligárquica, escravocrata e antidemocrática. Em diálogo com ensaios interpretativos sobre o país, o romance de 1930 põe em cena formas de sujeição e de dominação, o que enseja um balanço crítico acerca de uma formação estruturalmente desigual. Nesse período, a memória funciona, na prosa, na ficção e em verso, como resposta subjetiva a um quadro de aprofundamento das clivagens sociais, constituindo-se, também ela, como um instrumento de descoberta e interpretação de si e da história.

Na literatura de hoje, a proliferação de narrativas memorialísticas ocorre em um contexto de hegemonia da indústria cultural que pulveriza o público em nichos editoriais. Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, o excesso de informação fragmentada e a cultura das redes sociais alteram a memória individual e coletiva sobre o presente e o passado. Nesse cenário, observa-se a produção de conflitos entre arte e entretenimento que põem em causa a literatura concebida como ato de resistência às formas de dominação e de alienação das consciências.

Este número da revista *Teresa* contém três seções: o dossiê Literatura e Memória, uma segunda parte de temática livre e a última, com resenhas de obras recentemente editadas. Ao fim de cada uma delas entremeiam-se poemas inéditos de Simone Brantes e Alexandre Pilati, e poemas recém-publicados de Vera Lúcia de Oliveira.

No Dossiê, a disposição dos artigos obedece às diferentes formas literárias e discursivas de que participam os objetos estudados: (1) a lírica; (2) a escrita da história; (3) a prosa de ficção e (4) crônicas e cartas.

A primeira seção do Dossiê contém estudos sobre Dantas Motta, Gregório de Matos e Guerra, Francisco Rodrigues Lobo e Tomás Pinto Brandão; Cecília Meireles; Dante Milano e Nicolas Behr. Na seção que corresponde ao discurso da história, a revista traz um artigo que trata de códices da Academia Real da História Portuguesa e outro, que aborda *Tristes trópicos*. Os trabalhos sobre a prosa de ficção contemplam obras de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Gonzaga Duque, Guimarães Rosa e Jorge Amado. A última seção do dossiê publica artigos sobre a crônica da viagem ao Brasil, entre 1824 e 1826, de Carl Schlichthorst; sobre a imagem de Godofredo Rangel em cartas de Monteiro Lobato; e um terceiro, acerca de cartas de Antônio Vieira.

Na Seção Livre, os leitores poderão acompanhar uma discussão sobre a presença da máquina do mundo em Camões, Dante, Drummond e Haroldo de Campos, a análise de um romance de José Lins do Rego e um estudo sobre Lima Barreto.

Por fim, resenham-se *O livro das semelhanças*, da poeta mineira contemporânea Ana Martins Marques; *Lutas e auroras*, de Luiz Roncari; e *Espírito rixoso: para uma reinterpretação de Memórias de um sargento de milícias*, de Edu Teruki Otsuka.

Neste momento de agudização dos conflitos sociais e políticos, o neoliberalismo sem fronteiras nem limites modifica as forças produtivas enquanto repõe um autoritarismo que parecia soterrado. Este número da *Teresa* procura, de algum modo, se contrapor a este presente histórico em que a memória coletiva é destruída pelo avanço desenfreado da barbárie.

Cilaine Alves Cunha e Fabio Cesar Alves